



As Flores da Idinha

Den lille Idas Blomster (1835)

– As minhas pobres flores estão completamente mortas! – disse Idinha. – Estavam tão bonitas ontem à noite e agora todas as pétalas estão pendentes e murchas! Porque fizeram isso? – perguntou ela ao estudante que estava sentado no sofá. Gostava muito dele, sabia as mais lindas histórias e recortava no papel figuras muito engraçadas! Corações com damazinhas dentro, que dançavam, flores e grandes castelos, cujas portas se podiam abrir! Era um estudante divertido! – Porque têm as flores, hoje, um aspecto tão triste? – perguntou de novo e mostrou-lhe um ramo completamente murcho.

– Olha, sabes o que têm? – perguntou o estudante. – As flores estiveram ontem num baile e por isso pendem-lhes as cabeças.

– Mas as flores não sabem dançar! – disse a Idinha.

– Sabem – respondeu o estudante. – Quando faz escuro e nós estamos a dormir, saltam alegremente cá para fora. Quase todas as noites têm um baile!

– Os filhinhos podem acompanhá-las ao baile?

– Naturalmente! – disse o estudante. – As pequeninas margaridas e os lírios do vale.

– Onde dançam as flores mais bonitas? – perguntou a Idinha.

– Não estiveste algumas vezes fora de portas, perto do grande palácio, onde o rei vive, no Verão, no belo jardim cheio de

flores? Viste certamente os cisnes, que nadam para ti, quando queres dar-lhes migalhas de pão. Aí há verdadeiramente um baile, podes crer!

– Estive ontem no jardim com a minha mãe – disse Ida. – Mas não havia nenhuma folha nas árvores e nem uma única flor! Onde estão elas? No Verão vi tantas!

– Estão dentro do palácio! – disse o estudante. – Tens de saber que, logo que o rei e toda a gente da corte se vão embora para a cidade, as flores do jardim correm para o palácio e divertem-se. Devias ver! As duas rosas mais bonitas sentam-se no trono e são assim rei e rainha. Todas as cristas-de-galo vermelhas colocam-se aos lados e fazem vênias, são os camaristas da corte... Vêm depois todas as flores mais bonitas e é então o grande baile. Os amores-perfeitos¹ azuis são os cadetezinhos da Marinha, dançam com hortênsias e açucenas, a que chamam senhorinhas. As túlipas e as grandes dalias amarelas são as velhas damas. Cuidam de que se dance bem e que tudo corra como deve ser.

– Mas – perguntou a Idinha – não há ninguém que castigue as flores por dançarem no palácio real?

– Não há ninguém que venha a sabê-lo – respondeu o estudante. – Algumas vezes, de noite, pode vir o velho intendente, que tem de tomar conta do palácio. Traz um grande molho de chaves consigo. Mas logo que as flores ouvem as chaves a tilintar, ficam muito quietas, escondem-se por detrás das grandes cortinas e deitam a cabeça de fora. – Cheira-me a flores aqui dentro! – diz o velho intendente, mas não consegue vê-las.

– Que engraçado! – disse a Idinha, batendo palmas. – Mas não posso também ver as flores?

– Podes – disse o estudante. – Quando lá fores outra vez, lembra-te de espreitar pela janela, vê-las-ás certamente. Fiz isso hoje. Havia uma grande dália amarela estendida no sofá. Era uma dama da corte.

– As flores do Jardim Botânico também podem ir? São capazes de fazer o longo caminho?

– Sim, podes crer! – disse o estudante. – Pois, quando querem, sabem voar. Não tens visto as bonitas borboletas, vermelhas, amarelas e brancas? Quase parecem flores. Foram-no, saltaram do caule para o ar, bateram com as pétalas, como se fossem asinhas e assim voaram. E como se portaram bem, tiveram a recompensa de voar de dia, não precisando de regressar e ficar quietas no caule. Assim as pétalas transformam-se por fim em asas verdadeiras. Isso já tu própria viste! Pode também muito bem suceder que as flores do Jardim Botânico nunca tenham estado no palácio real nem saibam que lá é tão divertido de noite. Agora vou dizer-te uma coisa: muito espantado vai ficar o professor de Botânica que mora aqui ao lado e que conheces bem! Quando fores ao seu jardim, vais dizer a uma das flores que há um grande baile no palácio. Esta, por sua vez, dirá a todas as outras e assim todas se escaparão. Quando o professor voltar ao jardim, não haverá uma única flor e ele não conseguirá compreender como se foram embora.

– Mas como podem as flores dizer essas coisas umas às outras? As flores não sabem falar!

– Não, na verdade, não sabem! – respondeu o estudante. – Mas fazem pantomima. Nunca viste que, quando há um bocadinho de vento, as flores acenam e mexem todas as folhas verdes? É tão claro como se falassem!

– O professor compreende a pantomima? – perguntou Ida.

– Sim, bem podes crer! Uma manhã desceu ao jardim e viu uma grande urtiga a fazer pantomima com as folhas a um lindo cravo vermelho. Dizia: – Tu és tão bonito e eu gosto tanto de ti! – Mas tais coisas não pode o professor tolerar, e logo bateu na urtiga, nas folhas, que são os dedos dela, mas sentiu um ardor e desde então nunca mais se atreveu a tocar em nenhuma.

– Que engraçado! – exclamou a Idinha, rindo.

– Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! – disse o enfadonho conselheiro de chancelaria, que chegara de visita e estava sentado no sofá. Não podia de maneira nenhuma suportar o estudante e censurava-o sempre quando o via recortar as figuras divertidas e engraçadas: ora um homem que estava pendurado numa forca e segurava um coração na mão, pois era um «ladrão de corações», ora uma velha bruxa que cavalgava numa vassoura e tinha o marido no nariz. Isto não podia o conselheiro de chancelaria suportar e deste modo voltou a dizer:

– Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! É estúpida fantasia!

Mas à Idinha parecia-lhe que era muito engraçado o que o estudante tinha contado sobre as suas flores e pensou muito nisso. As flores deixavam pender a cabeça porque estavam cansadas de dançar durante toda a noite, estavam certamente doentes. Levou-as, pois, para junto de todos os seus outros brinquedos em cima de uma mesinha, cuja gaveta se encontrava também cheia de brinquedos. Na caminha de bonecas estava deitada a sua boneca Sofia, que dormia, mas a Idinha disse-lhe:

– Tem de ser, tens de levantar-te, Sofia, e contentar-te em passar a noite na gaveta. As pobres flores estão doentes e precisam de deitar-se na tua cama. Talvez assim fiquem boas! – Pegou na boneca, mas esta olhou de través e não disse uma palavra. Estava zangada por não poder ficar na sua cama.

Ida deitou as flores na cama das bonecas e puxou a cobertazinha para cima delas. Tinham de ficar bem quietinhas, pois ia fazer chá para as flores, a fim de ficarem boas e poderem levantar-se no dia seguinte. Fechou as cortinas à volta da caminha para que o Sol não lhes batesse nos olhos.

Durante toda a noite não pôde deixar de pensar no que o estudante lhe contara, e quando chegou a hora de ir para a

cama, teve de ir primeiro atrás das cortinas, que se suspendiam diante das janelas, onde estavam as lindas flores da mãe – jacintos e túlipas – e sussurrou baixinho:

– Sei muito bem que vão ao baile esta noite! – Mas as flores fizeram como se não tivessem entendido e não mexeram uma folha. Mas a Ida bem sabia o que sabia.

Quando foi para a cama, ficou muito tempo a pensar como seria bom poder ver as bonitas flores a dançar lá no palácio real. «Irão as minhas flores realmente lá?» Mas adormeceu. Alta noite, acordou. Tinha sonhado com as flores e com o estudante e como o conselheiro de chancelaria resmungava e dizia que queriam meter-lhe coisas na cabeça. Era total o silêncio no quarto de dormir onde se encontrava Ida. A lamparina ardia em cima da mesa e o pai e a mãe dormiam.

– Ainda estarão as minhas flores deitadas na cama de Sofia? – interrogou-se. – Como gostaria tanto de sabê-lo! – Ergueu-se um pouco e olhou para a porta, que estava meio aberta. Lá estavam as flores e todos os brinquedos. Escutou e foi como se ouvisse tocar piano na sala, mas muito suave e tão distintamente como nunca o ouvira antes.

– Agora estão certamente todas as flores a dançar lá em baixo – disse ela. – Meu Deus! Como gostaria de vê-las! – mas não ousou levantar-se, pois acordaria o pai e a mãe. – Se viessem até aqui! – pensou. Mas as flores não vieram e a música continuou a soar deliciosamente. Então não pôde aguentar mais, pois esta era demasiado bela. Arrastou-se para fora da caminha, foi muito de mansinho até à porta e espreitou para a sala. Oh! Como era maravilhoso o que se lhe deparou!

Não havia nenhuma lamparina, mas estava mesmo assim muito claro. O luar entrava pela janela, reflectindo-se no meio do chão. Era quase como se fosse de dia. Todos os jacintos e túlipas estavam em duas longas filas no chão. Não havia uma única

flor na janela. Os vasos estavam vazios. Em baixo no soalho dançavam todas as flores graciosamente à volta umas das outras, formando verdadeiros cordões e agarrando-se umas às outras pelas longas folhas verdes, quando andavam à roda. Ao piano estava um grande lírio amarelo, que a Idinha vira seguramente no Verão, pois lembrava-se bem de o estudante lhe ter dito:

– Oh! Como se parece com a Menina Lina! – Nessa altura todos se tinham rido dele. Mas agora também parecia realmente a Ida que a comprida flor amarela se assemelhava à Menina e fazia os mesmos gestos quando tocava. Ora colocava o oblongo rosto amarelo de um lado, ora do outro, marcando com a cabeça o compasso da bela música. Ninguém deu pela Idinha. Viu então um grande açafão azul saltar para o meio da mesa, onde se encontravam os brinquedos, ir direito à cama das bonecas e puxar as cortinas para o lado. Lá estavam as flores doentes, mas levantaram-se logo e acenaram às outras que também queriam dançar. O velho Fumador², que perdera o lábio inferior, levantou-se e inclinou-se perante as bonitas flores, que não pareciam de modo nenhum doentes. Saltavam entre as outras e estavam muito alegres.

Pareceu que algo tombara da mesa. Ida olhou para lá. Fora o açoite do Entrudo³ que saltara que parecia também fazer parte das flores. Era muito bonito e em cima tinha uma bonequinha de cera com um chapéu largo na cabeça igual ao que o conselheiro de chancelaria usava. O açoite do Entrudo saltava nas suas três pernas de pau vermelhas no meio das flores e batia fortemente com os pés, pois dançavam a mazurca, mas esta dança não a sabiam as outras flores, porque eram muito leves e não podiam bater com os pés.

A boneca de cera no açoite do Entrudo fez-se grande e comprida, torneou por cima das flores de papel e gritou bem alto:

– Para que serve meter tais coisas na cabeça da criança! É estúpida fantasia! – E assim a boneca de cera parecia perfeita-

mente o conselheiro de chancelaria com o chapéu largo, tão amarelo e rabugento. Mas as flores de papel bateram-lhe nas pernas finas e assim se encolheu, tornando-se de novo uma pequenina boneca de cera. Foi tão engraçado que a Idinha não pôde deixar de rir. O açoite do Entrudo continuou a dançar e o «conselheiro de chancelaria» teve de dançar com ele. Não lhe valia de nada fazer-se grande e comprido ou voltar a ser a bonequinha de cera amarela com o grande chapéu preto. As outras flores pediram por ele, especialmente aquelas que tinham estado deitadas na cama de bonecas, e então o açoite do Entrudo cedeu. Nesse momento ouviu-se bater com força dentro da gaveta, onde estava a boneca Sofia, de Ida, com muitos outros brinquedos. O Fumador correu para o canto da mesa, deitou-se ao comprido de barriga para baixo e conseguiu abrir um bocadinho da gaveta. Sofia levantou-se e olhou toda admirada à sua volta.

– Mas há aqui baile! – disse ela. – Porque é que ninguém mo disse?

– Queres dançar comigo? – perguntou o Fumador.

– Claro, és tão bonito para alguém dançar contigo! – disse ela, voltando-lhe as costas. Assim se sentou na gaveta, pensando que seguramente alguma das flores viria convidá-la, mas não veio nenhuma. Tossiu hum!, hum!, hum!, mas também nenhuma veio. O Fumador dançou sozinho e nada mal!

Como nenhuma das flores parecia dar por Sofia, deixou-se esta cair da gaveta para o chão, de modo que produziu um grande alarido. Vieram todas as flores a correr para ela, rodeando-a a perguntar se se tinha quebrado. Mostraram-se todas muito amáveis, especialmente aquelas que tinham estado deitadas na sua cama. Mas ela não se tinha quebrado e as flores de Ida agradeceram-lhe a bela cama e foram muito gentis com ela. Trouxeram-na para o meio do chão, onde brilhava o luar, dançaram com ela e todas as outras flores fizeram um círculo à volta. Sofia

ficou muito contente e disse que podiam ficar com a sua cama. Não estava nada aborrecida por dormir na gaveta.

Mas as flores responderam:

– Muito te agradecemos, mas não podemos viver tanto tempo. Amanhã estaremos completamente mortas. Mas diz à Idinha que deve enterrar-nos lá fora no jardim, onde está o canário. Vamos assim crescer outra vez para o Verão e ficaremos ainda mais bonitas!

– Não, não vão morrer! – disse Sofia, beijando as flores. No mesmo momento abriram-se as portas da sala e toda uma multidão de belas flores entrou a dançar. Ida não conseguia compreender donde tinham vindo. Eram certamente todas as flores do palácio real. À frente vinham duas lindas rosas com corozinhas. Eram um rei e uma rainha. Entraram então os mais belos goivos e cravos, saudando para ambos os lados. Traziam música consigo, grandes papoilas e peónias sopravam em vagens de ervilha, tanto que ficavam com a cabeça completamente rubra. As campânulas azuis e as campainhas brancas soavam, como se tivessem guizos. Era uma música admirável. Vieram depois muitas outras flores, que dançaram juntas, as violetas azuis e as margaridas vermelhas, narcisos e lírios do vale.

As flores beijavam-se umas às outras. Era belo de se ver!

Por fim as flores disseram boa noite umas às outras. Então a Idinha deslizou também para a cama, onde sonhou com tudo o que vira.

Quando na manhã do dia seguinte se levantou, foi direita à mesinha para ver se as flores ainda lá estavam. Puxou a cortina para o lado da caminha. Sim, lá estavam todas, mas completamente murchas, muito mais do que na véspera. Sofia continuava na gaveta onde a pusera. Parecia estar com muito sono.

Lembras-te do que tens a dizer-me? – perguntou a Idinha, mas Sofia olhava com um olhar bem estúpido e não pronunciou uma única palavra.

– Não és nada boa! – disse Ida. – E, contudo, dançaram todas contigo! – Então pegou numa caixinha de cartão, com belos pássaros desenhados, abriu-a e pôs nela as flores mortas. – Será o vosso lindo caixão! – disse ela. – E quando vierem os primos noruegueses, acompanhar-me-ão a enterrar-vos no jardim, para que no Verão possam crescer e tornar-se ainda mais bonitas!

Os primos noruegueses eram dois rapazinhos espertos. Chamavam-se Jonas e Adolfo. O pai tinha-lhes dado de presente duas novas bestas e traziam-nas para as mostrar a Ida. Ela contou-lhes a história das pobres flores, que estavam mortas, e assim foram convidados a enterrá-las. Os rapazinhos foram à frente com as bestas aos ombros e a Idinha atrás com as flores mortas na bonita caixa. No jardim abriu-se uma pequena sepultura. Ida beijou primeiro as flores, colocou-as depois com a caixa dentro da terra e Adolfo e Jonas dispararam as bestas por cima da sepultura, pois não tinham espingardas ou canhões.

¹Em virtude do género, em correspondência com o texto designam-se outros nomes de plantas. Em dinamarquês propriamente: violetas, jacintos, açafrões, tulipas e lilases. (*N. do T.*)

²Trata-se de um quebra-nozes ou boneco figurando um homem a fumar, certamente cachimbo. (*N. do T.*)

³Açoite do Entrudo: molho de ramos de bétula enfeitado, com o qual as pessoas se açoitavam, de brincadeira, umas às outras no Entrudo. (*N. do T.*)